
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA GUERRA DO CONTESTADO: AMÁLGAMAS FICCIONAIS EM O BRUXO DO CONTESTADO

Catia Valério Ferreira Barbosa (CMRJ)
catiaval.barbosa@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa diz respeito ao aproveitamento ficcional da Guerra do Contestado na elaboração do romance *O Bruxo do Contestado* (1996), de Godofredo de Oliveira Neto. Com base nos pressupostos teóricos de no trabalho de Linda Hutcheon, intitulado *Poética do pós-modernismo* (1991), constituíram objeto de estudo elementos tais como a metanarrativa, a intertextualidade e a matéria de extração histórica, o que viabilizou o mapeamento mais eficaz das diferentes formas em que a fragmentação do eu aparece traduzida na obra, bem como possibilitou a melhor compreensão da tênue fronteira entre ficção e o fato histórico explorado pelo escritor.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; história; metaficção.

Este trabalho analisa a representação do real em *O Bruxo do Contestado* (1996), de Godofredo Oliveira Neto, considerando, entre os aspectos, o aproveitamento ficcional de fatos históricos a partir do relato memorialístico de uma escritora e suas angústias durante o exercício de sua arte. Juntamente com *Pedaço de santo* (1997) e *Marcelino Nambrá, o manumisso* (2000), este romance faz parte do que o autor considera como sua *trilogia catarinense*. Além de conter uma série de dados sobre a formação e caracterização político-social de Santa Catarina, *O Bruxo do Contestado* traz uma forte exploração literária da fronteira entre o real e a ficção.

Na montagem de um painel que aborda a Guerra do Contestado, passando desde a Segunda Guerra Mundial até a Ditadura Militar brasileira, o escritor não reproduz na íntegra os fatos da História. Por meio do que Wolfgang Iser define como *combinação e seleção* (2002), Godofredo de Oliveira conjuga o visível e o invisível, grifando a importância da fatura interna do enredo.

No período de 1912 a 1916, ocorreu um grave conflito armado entre a população cabocla do sul do país e os representantes dos governos estadual e federal, numa re-

gião de mais ou menos 20.000 Km², rica em erva-mate e madeira, que envolvia municípios do Paraná e de Santa Catarina. O confronto conhecido como Guerra do Contestado resultou de um desentendimento entre os camponeses expulsos de suas terras e as poderosas empresas madeireiras que, com a autorização do governo, vinham se instalando na região.

Comandados pelo monge José Maria, homem considerado santo pelo povo da região, os habitantes desse território contestado organizaram uma comunidade e resolveram lutar por seus direitos. Essa batalha durou cinco anos e gerou prejuízos materiais e humanos incalculáveis. Foram aproximadamente 9 mil casas queimadas e 20 mil pessoas mortas.

Havia vários interesses em jogo: disputas pela exploração dos ervais, disputas eleitorais entre coronéis, a utopia de construir uma sociedade mais justa, sem falar no messianismo e fanatismo que tanto influenciaram a população cabocla. Todos esses fatores sustentaram um confronto sangrento entre o séquito de José Maria e as tropas governamentais que só chegou ao fim em agosto de 1916, com a prisão do último líder dos caboclos, chamado Adeodato.

Esse evento, um dos marcos da História de Santa Catarina, despertou o interesse do autor Godofredo de Oliveira Neto que resolveu abordá-lo em seu livro *O bruxo do Contestado*. Nesta obra, a interpretação da Guerra do Contestado não se encontra nitidamente registrada no plano da enunciação, pois há várias vozes narrativas que, nos planos do simbólico e do metaficcional, expõem as diversas leituras desse acontecimento histórico.

Em *O bruxo do Contestado*, o protagonista Gerd personifica a morte em vida de um sujeito. Não se trata de vencer ou não uma batalha, pois a noção de vitória resume-se ao valor da resistência do grupo oprimido, mas sim do que fica de registro de suas imagens para a posteridade, ou seja, Gerd inicia a trama como trabalhador, pai de família, transformando-se em foragido, solitário e desequilibrado. Gerd não corresponde à grande personalidade histórica da Guerra do Contestado, uma vez que esta – o monge José Maria – passeia mais discretamente na narrativa. Gerd representa sim uma legião de anônimos, o homem comum que sonhou e sofreu com a revolução.

Segundo Alcmeno Bastos (2000), *matéria de extração histórica* é a matéria que, depois de concebida a partir de algum registro documental e de uma memória coletiva, embora faça alusões a fatos históricos, transforma-se em matéria ficcional. Quando estudamos, portanto, a *matéria de extração histórica* contida em *O bruxo do Contestado*, não estamos nos referindo nem à pura e simples inventividade do autor, nem aos dados estritamente documentais referentes à Guerra do Contestado. De fato, estamos falando das passagens narrativas que, como objeto da ficção, têm um caráter alusivo a fatos importantes sobre esse contexto histórico brasileiro.

Ao aproveitar ficcionalmente as referências à Guerra do Contestado, o autor livra-se do compromisso de fidedignidade aos fatos históricos, sem, contudo, apagar o caráter interpretativo de seu discurso sobre tais episódios. Sem abrir mão da arte de

contar uma estória, o autor falou da História e, assim, construiu uma ficção que contracenava como o real, harmonizando inventividade ficcional e dados históricos.

Por meio de um narrador predominantemente em primeira pessoa (Tecla), o autor concilia a subjetividade do discurso memorialístico com a objetividade inerente às alusões aos fatos históricos, para transitar entre o documental e o imaginário. Dessa forma, resgata dados sombrios de nossa História, sem ficar circunscrito à frieza do registro documental. Em função de abdicar da rígida ordem cronológica dos fatos e deixar o desenvolvimento do enredo sob a responsabilidade da memória de Tecla, o autor empreende um jogo ficcional capaz de transmitir uma consistente análise das condições de vida dos vencidos. Ao representar a dor e a angústia dos injustiçados pelo sistema, pratica uma espécie de escrita democrática que, sem perder a lucidez e o senso crítico, ainda se sustenta impregnada de utopia.

O cotidiano da família de Gerd não aparece gratuitamente na narrativa. Cada marca de violência e dor amplifica as preocupações políticas que pontuam obliquamente o texto. Em paralelo ao projeto de escrita de Tecla, estão as denúncias das agruras dos tempos de guerra, as incoerências do fanatismo religioso e as diversas formas do discurso autoritário do poder. Seja na opressão patriarcal experimentada por Juta, seja no exílio social vivido por Rosa, seja, ainda, na loucura experimentada por Gerd, as tensões sociais estão sempre sendo colocadas em relevo. A consciência de pertencer a uma realidade desigual, por sua vez, cria em Gerd uma inquietação que, devido à consciência de sua impotência contra os poderosos, não passa de um esboço, de um grande ensaio de luta social que já estréia falido.

O texto de Godofredo de O. Neto ratifica as considerações de Therezinha Barbieri (2003) sobre a relação de alguns romances da década de 90 com a História. Para a crítica: “Não se pode simplesmente dizer que a tentação do documentário político tenha abandonado de vez os ficcionistas brasileiros nos anos 80 e 90. (...) Mas a novidade agora é a ficcionalização abundantemente documental” (2003: 89). Nesse tipo de devir histórico, o narrador onisciente e totalizador cede espaço a uma orquestra de vozes sobre a Guerra do Contestado. Ainda que continue no controle final da ideologia promulgada no romance, o narrador apresenta personagens que não se limitam ao papel de marionetes atuando como pano de fundo histórico, pois, por meio do recorte psicológico, o narrador reflete a refutação que o autor possui em relação à presença de figuras estereotipadas. Funciona como se, a partir dos conflitos interiores, fosse possível fazer pulsar o ideológico.

A visão pluralizada que emana do imaginário lembra a própria noção moderna da História não como o discurso das verdades absolutas alcançadas pelo aparente empirismo do factual documentado, mas sim a História, ela mesma compreendida como um discurso construído pelo olhar teórico que seleciona e analisa os documentos. A História semelhantemente à ficção é um discurso engendrado conforme o sistema simbólico de uma época.

Do coro de vozes ficcionais contidas em *O bruxo do Contestado*, fica a sensação de que realidade política e utopia seguiram caminhos opostos. Gerd sonhava com o Con-

testado fraterno, igualitário, mas o que encontrava ao seu redor estava bem distante daquilo que era idealizado. Não se limitava sequer ao drama de um indivíduo subordinado ao coletivo; representava sim uma vasta lista de pobres sujeitos massacrados pelos interesses dos dirigentes do coletivo. E tamanha injustiça só poderia mesmo ser interpretada por uma visão não-linear da História.

Esse tipo de tensão entre as classes dominante e dominada geram no protagonista uma angústia alucinante em decorrência de ele se sentir impotente diante dos empecilhos à realização de seu projeto. A trajetória de Gerd e sua família, além de refletir essas tensões, chama a atenção para o perigo que reside no ato de se tentar catalogar os indivíduos com rótulos não-cambiantes e excludentes. Estabelecer rígidas leis para postular o certo e o errado, o permitido e o proibido, entre outros valores dicotômicos, facilita o enquadramento dos tipos diferentes em subcategorias.

Dentro dessa perspectiva, ao tomar o histórico como um intertexto, sem assumir com o próprio um compromisso de fidedignidade à dita verdade histórica, o autor aproxima-se do que Linda Hutcheon (1991) postula como metaficção historiográfica, ou seja,

sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (*metaficção historiográfica*) passa a ser a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e do conteúdo do passado. (...) ela sempre atua dentro das convenções a fim de subvertê-las. Ela não é apenas metaficcional; nem é apenas mais uma versão do romance histórico ou do romance ficcional. (1991: 22)

Desse modo, recorrendo à *matéria de extração histórica*, o romance exhibe uma intervenção transgressora nos fatos do passado que, no lugar de garantir a reduplicação da História, promove uma revisão histórica da Guerra do Contestado. Além disso, em muitas passagens, a matéria narrada passa a segundo plano e, então, também pelo viés metaficcional, identificamos que, no lugar de simular a veracidade dos fatos, o autor pratica o exercício inverso, ficcionalizando questões e seres históricos para, assim, escapar da escrita datada e grifar os questionamentos político-sociais capazes de desmascarar a pretensa objetividade de todo tipo de representação – seja ela histórica ou ficcional – e de desconstruir o discurso dos dominantes registrados na História oficial.

Em face da impossibilidade de se tecer um discurso totalizante da realidade, reconhecemos na ficcionalização do dado histórico uma forte ferramenta de manifestação política. A escrita de Tecla, mais que compreender o passado, visa construir suas memórias nas lacunas e silêncios das crises enfrentadas nesse passado. Sob os signos do resgate e da angústia, a obra se desenvolve a partir do cruzamento de duas narrativas: a da saga da família de Gerd e a do embate de Tecla com suas lembranças durante a escritura de sua grande obra.

No espaço reservado à estória de Tecla, a abordagem política se ramifica. Além das reflexões sobre o Contestado, surgem as alusões a sua participação política no perí-

odo da Ditadura, como delatora anônima da corrupção e da tortura. Tecla assumiu o pseudônimo de “O Bruxo do Flamengo” em homenagem ao “Bruxo do Contestado”. Dessa forma, metaforicamente o narrador uniu dois períodos sombrios de nossa História, pois se as visões de Gerd buscavam um mundo mais justo, as de Tecla também se orientavam nesse sentido. Ao assinar com esse pseudônimo, a jovem grifa a importância de se ter “visões”, ou seja, de se buscar um mundo melhor. Ela jamais pretendeu realizar um Novo Contestado como desejava Gerd, apenas se inspirava nesse sopro de utopia, distinguindo-se radicalmente do “Bruxo do Contestado” que passou boa parte de sua vida refém de um sonho impossível – fundar uma terra tão justa e humana quanto a que ele supunha ter sido fundada pelo monge José Maria.

No plano narrativo referente à vida de Tecla, ainda encontramos uma abordagem mais explícita do exílio. Enquanto na estória de Gerd, o exílio é tematizado obliquamente, por meio da loucura de Rosa ou do sumiço de Gerd, nas seções “Hotel do Levante”, o exílio é relatado como uma experiência dolorosa da juventude de Tecla, sendo abordado em pormenores. As marcas degradantes da vida do exilado (a eterna sensação de estar em país estrangeiro, o sentimento de abandono) irrompem o texto pelo desabafo da própria Tecla.

Nessa evocação de um período de sombras de nossa História, memórias do plano individual (as experiências de cada personagem) mesclam-se a memórias coletivas (alusões a episódios históricos) no desnudamento das injustiças ocorridas na Guerra do Contestado, fazendo com que o livro se inscreva no limiar da ficção e do registro histórico. Esse *entrelugar* fica garantido em virtude de as palavras do narrador prescindirem o documental. O romance contém um certo caráter político, por tentar realizar uma reafirmação do lugar da Guerra do Contestado na História brasileira. Isso não implica, por sua vez, uma defesa incondicional daqueles que lutaram pelo Contestado, pois, ao se dedicar à valorização do evento, o autor acaba por esgarçá-lo, à medida que também aborda a própria falta de unidade do Contestado, citando a presença dos mercenários entre outras mazelas. Logo no início do romance, Tecla [descreve esse tempo como um período em que “Falava-se muito em sangue e morte. As virtudes humanas se faziam raras” \(14\)](#)¹.

Paralelo às considerações mais neutras do narrador a respeito da Guerra do Contestado, encontramos diversas opiniões sobre esse fato histórico. Gerd carregava traumas da infância e, marcado pelas sovas gratuitas que recebera do pai e da madrasta; cresceu carente de projetos futuros até que desenvolveu verdadeira obsessão pelo monge José Maria e a vida no Contestado. Seu discurso sempre enfatiza as vantagens desse espaço, pois ignorava qualquer tipo de comentário que denunciasse os problemas do Contestado (fanatismo, violência, presença dos mercenários).

Diversas vezes, Juta tentou trazer o marido para o presente, argumentando que cada um tem o seu mundo, que o Contestado pertencia ao passado e ele devia tentar cuidar de seu próprio mundo, no presente. Isso para Gerd, no entanto, era impossível, pois não conseguia ser feliz com a vida que tinha. Chegou a surrar impiedosamente sua filha, Rosa, durante uma crise nervosa. Após recuperar o controle sobre

¹ Nota Bene: As citações retiradas do romance serão documentadas apenas pelo número das páginas.

si, sentiu-se tão culpado que, julgando-se censurado por João e José Maria, acreditou ser indigno de participar de tão perfeita civilização. Sem o Contestado, só lhe restou a fuga da realidade, a selvageria, o isolamento.

Convivendo com essa utópica visão do Contestado, existem as críticas negativas sobre o mesmo. Para vários personagens, esse não passou de um movimento dos arruaceiros. Dentre os discursos sobre esse fato histórico, na Conferência de Elsa, encontramos a síntese das visões sobre o Contestado. Há, inclusive, nesse episódio, um saldo da carnificina gerada pela guerra.

Segundo Oliveira Neto, na Conferência da Elsa está o agrupamento das várias informações dispersas sobre a guerra naquele bloco narrativo (2004). Entretanto, essa Conferência não segue linear, tal como ocorre comumente na apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos. Na Conferência há, pois, uma compilação harmoniosa das diferentes visões do Contestado e, se para efeito ficcional, essa Conferência contém um foco totalitário, na prática, ao mesmo tempo em que a discussão dos participantes da Conferência torna o texto dinâmico, comprova que *O bruxo do Contestado* é a utopia das utopias, pois se alimenta da fonte histórica e, ao questioná-la, coloca o discurso científico em crise.

Assim, a grande cobertura da Guerra do Contestado (1912-1916) garante sua presença no texto em função das memórias de Gerd e de sua obsessão por um movimento o qual julgava ser a única solução para todos os problemas político-sociais e, quem sabe, até os pessoais.

No início da estória de Gerd e de sua família, as referências ao Contestado, via documentos e lembranças de Gerd, somam-se às alusões ao fascismo e ao nazismo (1919-1939) que chegavam a habitantes do sul do país, por meio da imprensa e de algumas resoluções governamentais. À medida que reproduz a caracterização do sul do Brasil como uma região composta, principalmente, de colônias alemãs e italianas, cenas de personagens como Otto Undereich e Victor Bonnatti recebendo notícias de seu país de origem, ou mesmo, sofrendo preconceitos e retaliações em terras brasileiras refratárias ao racismo e demais radicalismos nazi-fascistas, aparecem constantemente na narrativa.

Em Diamante, cidade habitada por Gerd e sua família, todos eram cadastrados pela polícia e impedidos de conversar em alemão ou italiano. Isso porque o governo tentava coibir grupos hitleristas que vinham se reunindo no Brasil desde 1929. Nesse mesmo período, um primo de Victor Bonnatti entrou em crise nervosa por ter de ir combater na Itália pela FEB. Enfim, existem vários episódios do cotidiano dos personagens colocando a relação entre a Literatura e a História em destaque.

Cada uma dessas categorias foi trabalhada de modo que o menor detalhe adquirisse valor funcional no corpo narrativo. A nomeação dos personagens, por exemplo, concentra importantes informações, uma vez que sobrenomes como Jonhasky, Kurt, Rünnel, Kellner, Bonnatti recuperam a formação heterogênea do povo brasileiro. Sem falar que nomes como Otto Undereich e *Tecla* adquirem uma polissemia bastan-

te provocativa, ou seja, por motivos diferentes, *reich* e *Tecla* transportam o leitor para as entrelinhas do discurso.

O primeiro nos lembra o III Reich (Terceiro Império) alemão fundado por Hitler, depois da morte do Presidente Hindenburg e de ele ter recebido o título de *Fürher* (guia), acumulando as funções de Chanceler e presidente. É, no mínimo, irônico que um personagem dissimulado e manipulador como Otto tenha em seu sobrenome o termo *Reich*. O nome de *Tecla*, por sua vez, desprovido de conotações políticas, volta-nos para as questões metaficcionalis contidas na obra. Justamente a escritora do manuscrito, engajada em registrar os acontecimentos marcantes do passado, possui o nome similar ao do objeto que, integrando máquinas datilográficas ou computadores, viabiliza a produção do texto escrito.

Nomes, personagens, tempo, espaço, foco narrativo, as mais variadas categorias e elementos do romance foram explorados de modo que a abordagem político-social de importantes períodos da História brasileira fosse efetuada sem causar sensaboria ao texto. De acordo com Manuel Antonio de Castro:

A banalidade com que hoje empregamos a palavra real como sendo o que está aí e é evidente ou como o que corresponde aos fatos não provém simplesmente de uma doutrinação positivista que, de fato, desde o século XIX se impôs como evidência científica. Não, o real não é evidente (senão para que a doutrinação científica?). O real é misterioso, é fugidio, é estranho, é extraordinário. O que é então evidente? Simplesmente, as opiniões (doxa) sobre o real. Essas são banais na sua evidência. (2004: 30-31)

Logo, para dar conta de um *objeto misterioso* surge um conjunto de inúmeras estratégias de apreensão do real. Ora mais totalizadoras, ora mais fragmentadas, estão todas em busca de um mesmo resultado: a mais satisfatória representação ficcional do real, seu simulacro e seu virtual. *O bruxo do Contestado* é um romance que aborda questões históricas há muito silenciadas, sem perder o viço narrativo. O texto não apenas promove um resgate do processo de formação cultural do sul a partir da coexistência de vários grupos (alemão, italiano, brasileiro, comunista, ditador, não-comunista) e resgata os horrores da Guerra do Contestado, mas principalmente analisa as questões ideológicas adjacentes e enfoca a questão do messianismo, a ação do fascismo, as hipocrisias e desigualdades sociais; enfoca, ainda, o papel da mulher, os próprios costumes locais. Em suma, traça um panorama da sociedade sulista da época ao mesmo tempo em que nos emociona com os dramas da família de Gerd.

Gerd é um projeto de guerrilheiro que se esgota no plano do sonhar e na espera de seu messias com a próspera vida no Contestado, lugar onde “só havia fartura e alegria. Injustiça passava longe! Enfermidade nenhuma, só se viesse de fora! Era o reino da paz, da justiça e da fartura - nos rios corria leite, e algumas montanhas eram de beiju” (20). Todavia revelava-se pleno em humanidade quando sofria com a deficiência de sua filha. Admirando-a em poucos *flashes* e transpondo para a mesma as revoltas de seu mundo interior, dizia ele: “Rosa é a minha maior tristeza” (48). Tam-

bém amava Juta, mas se deixava corroer pelo ciúme, agredia verbalmente sua esposa ao mesmo tempo em que lutava por uma vida melhor. “Entretanto, seu trabalho não resultou em superação e sua revolta, somada a sua ira, foi lhe rendendo fama de *doi-dinho*. Pouco a pouco, ele foi se transformando em ‘o bruxo do Contestado’, acusado pelo assassinato do menor Wilfredo Santos Gonzalez e transformado em suspeito principal pela morte de Victor d’Angelo Bonnatti, nunca foi encontrado” (196).

O autor explora o caráter ficcional do termo *Loucura*. Começa pela oposição clássica à *Razão* para depois, metaforicamente, trabalhar com seus múltiplos significados, mostrando que a *Razão* não é integralmente positiva. Com essa desconstrução do mito da *Razão*, o texto apresenta uma análise da vida em sociedade que expõe as deficiências de alguns dos níveis da ordem daquela sociedade. A ordem política, por exemplo, primava por um tipo de *Razão* segregadora, que privilegiava poucos homens.

A *Razão* nem sempre é suficiente para que entendamos o caos dos tempos modernos e, muitas vezes, atitudes paradoxais perdem seu caráter contraditório quando são julgadas longe da inflexibilidade de certos preceitos morais falidos e princípios políticos enganosos. Em alguns casos, a *Loucura* é capaz de iluminar o lado nebuloso de uma *Razão* político-social. Como entender como racional uma sociedade que enterra Stille (a vaca) e Victor (um homem) em covas iguais? Seria possível interpretar essa desvalorização do ser humano como algo confortavelmente inerente ao que chamamos de civilização?

Para Gerd foi duro demais enxergar que a *Razão* não se traduzia em emancipação, mas em escravidão. Não por acaso, esse personagem constitua-se uma figura enigmática. Embora o narrador elabore um discurso para apresentá-lo como um monstro assassino, suas reações, por vezes humanizadas, diante dos acontecimentos, dão margem a outras questões.

A ironia corrói conceitos cristalizados, relativizando as noções de *Razão* e *Loucura*. A própria falha no sistema dos poderosos que desapropriam os bens dos mais humildes abre uma brecha para que se pergunte: onde reside o maior perigo? Na *loucura* de Rosa e seu diálogo com as estrelas? Ou nas mãos de ferro do governo que retira de Gerd o principal meio de subsistência de sua família (a vaca leiteira)? Os personagens desse romance são simbólicos, a própria Rosa é uma figura ambígua que pode tanto ser entendida como alguém louco como alguém à frente de seu tempo. Suas estrelas são, em última instância, a metáfora de seu desligamento de seu meio social.

Dona Antônia conseguia se comunicar com Rosa e tal como sua mãe, D. Juta, não enxergava a menina como louca ou retardada, apenas a considerava diferente. Seu pai, Gerd, sempre a considerou retardada e vivia insatisfeito com sua apatia. Justamente na ocasião em que Rosa tomou um atitude heróica e enfrentou o rio para salvar D. Felícia e sua filha Graça, ele exclamou: “Rosa, não, por Deus! Volta, Rosa! Você ficou louca!” (138). O que seria *loucura* nesse momento? Arriscar-se na corrente endiabrada quinze metros acima para salvar duas vidas? Ora, em outros contextos,

isso não seria visto como heroísmo? Portanto, mais uma vez, assistimos ao jogo em torno de pretensas verdades.

Isso não significa que haja uma defesa absoluta da Loucura sobre a Razão. Os soldados das tropas que, durante o confronto do Contestado, mataram crianças foram classificados como loucos. O que existe é um discurso de moderação em torno das características positivas da Razão, pois, à medida que os vícios de uma época são capazes de corromper a Razão, a Loucura se apresenta como algo menos assustador.

Mesmo quando nos deparamos com cenas de selvageria, ainda assim é possível analisá-las como um desvio plantado pelas injustiças sociais e não como um genuíno ato de maldade. A loucura de Gerd começa mansa para somente no final eclodir em assassinatos e figurar como uma metáfora da voz oprimida que, antes silenciada, agora deseja se rebelar contra o sistema. Em face da falência do Contestado, encerra-se o período de placidez para instaurar-se a era da crueldade. Sua loucura advém, pois, da impossibilidade de se construir uma vida exemplar, daquilo que não seria possível experimentar no plano da vida real, da Razão.

No romance, percebemos a recorrência de um certo direcionamento narrativo: partir do relato de fatos cotidianos para a abordagem de questões político-sociais. A morte e o enterro de seu Victor, por exemplo, abarcam vários temas, desde a brutalidade da guerra, passando por reflexões político-sociais sobre as disputas pela terra e sobre os impasses religiosos (católicos e protestantes), chegando ao movimento de nacionalização dos costumes. Esse último episódio contém detalhes como as proibições em relação às inscrições em túmulos em “línguas vivas estrangeiras”.

O entrelaçamento entre a Literatura e a História ocorre, por meio da contextualização ficcional das passagens históricas mais densas. Os documentos citados são sempre encontrados pelos personagens ao longo do caminho. Um dos relatos mais precisos sobre o Contestado chega a Gerd a partir de uma carta que, ainda menino, recebera de Rodolfo. Semelhantemente, os discursos de Elsa e dos demais ativistas são feitos nas reuniões da GDD, ou seja, mais uma vez, o enredo aparece marcado por episódios que permitem a absorção de dados da História sem que se façam necessárias abruptas suspensões do plano do enunciado. Em tais ocasiões, ocorre a inclusão de recortes jornalísticos, via personagens: “Permitam-me, membros e simpatizantes do Grupo de Defesa da Democracia, a leitura de um pequeno texto do jornal de Florianópolis O Estado, de 12/08/1916, relativo à entrevista feita na prisão com Adeodato, o maior estrategista militar dos sertanejos na Guerra do Contestado” (124).

Ainda que não correspondam a recortes do mundo extratextual, esses encaixes do discurso jornalístico refletem que as seleções e combinações efetuadas pelo autor não são gratuitas. O manuscrito de Tecla é a sua tentativa de driblar a morte, efetuando o prolongamento de sua existência e resistência. Coincidentemente, a escrita ficcional é igualmente empregada por Godofredo de Oliveira Neto como instrumento de luta, uma vez que, na esteira dos borrões entre ficção e realidade trabalhados pelo escritor, recebemos um incisivo convite ao revisionismo crítico do passado. Tecla viveu a angústia de ser fiel à sua memória na escrita de “O bruxo do Contestado” bem

como sentiu a brutalidade dos períodos de guerra e ditadura, a família de Gerd era composta de seres tão angustiados com a situação sócio-político-econômica na qual se encontravam que acabou se estilhaçando;

Considerando que Língua, Literatura, Cultura e Nação estão sempre lado a lado, podemos supor que a rejeição aos modelos literários tranquila e linearmente estabelecidos, bem como o desnudamento da obra de arte como um palco no qual mentira e verdade têm o mesmo *status*, obliquamente, expressem uma luta contra a sociedade dos tempos modernos: essa que prega a verdade, os valores morais e a qualidade de vida, entretanto cede às leis capitalistas globalizantes e simula uma ética, mente, “mas sempre por uma boa causa”, enfim segue apagando o indivíduo homeopaticamente:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (Hall 2004: 13)

A História contada até então sofreu várias críticas e esses questionamentos imprimiram novos pontos de vista. Na medida em que tomamos consciência da relatividade das perspectivas, ou seja, a partir do momento em que foi revelada a ausência de neutralidade do discurso do historiador, conseguimos estabelecer o foco dos vencidos e dominados, para então repensarmos a “história que nos formou, que nos ensinaram na escola e que até hoje nos diz: os índios são preguiçosos; as mulheres são menos racionais, o camponês é ignorante, o negro é supersticioso...” (Leite 1985: 85).

Tal como na História, na literatura contemporânea, também houve quem, conforme salienta Leite (1985), cansasse do fingimento da neutralidade e assumisse o relativo e o subjetivo do ato de contar. Nesse sentido, deparamo-nos com uma produção literária moderno-contemporânea cuja grande preocupação é o drama existencial, a vida interior dos personagens e/ou do eu lírico somadas às feridas sociais.

Em “Resistência como forma imanente da escrita” (2002), Bosi alerta para a possibilidade de uma narrativa conter um discurso de resistência sem apresentar defesa ou ataque a uma cultura política específica. Dentro dessa linha de raciocínio, ele expõe que grandes autores da modernidade não mais se contentam com a idéia de que a literatura seja uma variante literária da rotina social e passam a trabalhar a tensão do eu e do mundo em seus textos. Por meio de estórias como a de Tecla e Gerd, *O bruxo do Contestado* constitui-se exatamente como esta “resistência imanentemente escrita”, convidando-nos a uma releitura da Guerra do Contestado.

OBRAS CITADAS

BARBIERI, Therezinha. *Ficção Impura: prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

BASTOS, Alcmeno. *A história foi assim: o romance político brasileiro dos anos 70/80*. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.

BASTOS, Dau. *Brasil todo prosa-ficção nacional de 1975 a 2000*. no prelo.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CASTRO, Manuel Antonio de. "Poiesis, sujeito e Metafísica." *A construção Poética do real*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004. 13-82.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

GOMES, Renato Cordeiro. "Narrativa e paroxismo: será preciso um pouco de sangue verdadeiro para manifestar crueldade?" Ângela Maria Dias & Paula Glenadel, orgs. *Estéticas da Crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004. 143-153.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. "O fictício e o imaginário." João Cezar de Castro Rocha, org. *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, 68-71.

———. "Os atos de fingir ou o que é fictício." Luiz Costa Lima, org. *Teoria da Literatura em suas fontes*. 2 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 955-987.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985

OLIVEIRA NETO, Godofredo. *O bruxo do Contestado*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

———. Entrevista com Marco Vasques. "Com a palavra o bruxo do Contestado." *Jornal Ô Catarina FCC* 58 (XII), 11 dez. 2004.

LITERARY REPRESENTATION OF THE CONTESTADO WAR: FICTIVES AMALGAMS ON *BRUXO DO CONTESTADO*.

ABSTRACT: The present paper examines the fictional works about the Contestado War and its influences on the representations of reality. Based on the theoretical premises on Linda Hutcheon's *A Poetics of Postmodernism* (1991), metanarrative, intertextuality and the matter of historical extraction were objects of study. This made it possible to more effectively map the different ways in which the fragmentation of the *self* appears on these works, as well as to better understand the thin line between fiction and reality exploited by this writer.

KEYWORDS: literature; history; metafiction.

Recebido em 30 de junho de 2011; aprovado em 8 de julho de 2011.